



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CAMPUS JOÃO MONLEVADE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

MARIANA BICALHO PEREIRA

**A conciliação do trabalho docente com a
maternidade: um estudo em escolas no interior de
Minas Gerais**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

João Monlevade
2021

MARIANA BICALHO PEREIRA

**A conciliação do trabalho docente com a
maternidade: um estudo em escolas no interior de
Minas Gerais**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do grau em Engenharia de Produção pelo Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Dr^a Eva Bessa Soares

João Monlevade
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436a Pereira, Mariana Bicalho .
A conciliação do trabalho docente com a maternidade [manuscrito]:
um estudo em escolas no interior de Minas Gerais. / Mariana Bicalho
Pereira. - 2021.
39 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Eva Bessa Soares.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas. Graduação em Engenharia de
Produção .

1. Ambiente de trabalho. 2. Mulheres - Emprego - Maternidade. 3.
Professores - Stress ocupacional. 4. Trabalho - Organização. I. Soares,
Eva Bessa. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 331

Bibliotecário(a) Responsável: Flavia Reis - CRB6-2431



FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: Mariana Bicalho Pereira

Título: A conciliação do trabalho docente com a maternidade: um estudo em escolas no interior de Minas Gerais

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira de Produção.

A aluna foi aprovada com nota 9,0.

Aprovada em 12 de agosto de 2021

Membros da banca

Doutora Eva Bessa Soares - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor Jean Carlos Machado Alves - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor Rafael Lucas Machado Pinto - Universidade Federal de Ouro Preto

Eva Bessa Soares orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26 de agosto de 2021



Documento assinado eletronicamente por **Eva Bessa Soares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/08/2021, às 10:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0212773** e o código CRC **2383EA3A**.

Agradecimentos

“Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”

É com muito saudosismo e gratidão que me despeço de mais um ciclo. Agradeço primeiramente a Deus, pois a ele, toda honra e toda glória, fonte de sabedoria e discernimento ao longo desta formação.

Aos meus pais, por me ensinarem os primeiros passos e me encorajarem nos primeiros voos. Por tanto amor e afeto, que tornaram minha alma mais terna e humana. Obrigada por me mostrarem que os desafios fortalecem e que é necessário encará-los com coragem. E que fracassos existem para que exercitemos a humildade e saibamos sempre recomeçar. Obrigada por acreditarem no meu potencial. Se hoje chego ao fim desse ciclo é porque tive apoio e amor incondicional. Tenho vocês como base e espelho para a vida. E se algum dia me tornar uma pessoa tão caridosa e que desperta paixão e admiração nas pessoas, com certeza, será graças aos meus dois maiores exemplos.

Aos meus familiares e amigos, pelo amor, carinho e suporte, vocês fizeram parte da minha trajetória e me deram forças para chegar até aqui. Só posso agradecer por me apoiarem incondicionalmente.

À minha orientadora, Eva, por toda paciência e dedicação, por acreditar no meu potencial durante todo o tempo de orientação a este trabalho.

À Universidade Federal de Ouro Preto e cada um de seus funcionários, que direta ou indiretamente, influenciaram para que eu pudesse alcançar o meu objetivo.

“Foi quando desisti de procurar uma casa dentro das pessoas e ergui a fundação de uma casa dentro de mim mesma que descobri que as raízes mais profundas são aquelas entre o corpo e a mente que decidem viver como um”

Rupi Kaur

Resumo

O movimento feminista possibilitou à mulher o ingresso ao espaço público, facilitando o acesso ao estudo, a construção de uma carreira. Entretanto, estas conquistas não significaram a sua desvinculação total ao lar, mas sim uma aglutinação de tarefas. Por isso, o presente trabalho trata da relação entre a jornada de trabalho formal, a maternidade e a realização de atividades domésticas de docentes que atuam em cidades localizadas na Região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais – MG, que corresponde ao leste mineiro. A fim de avaliar as mudanças vivenciadas por estas mulheres após o nascimento dos filhos e analisar as estratégias adotadas pelas docentes, visando a conciliação destas áreas, foram realizadas entrevistas, abordando informações a respeito da rotina e percepção destas mulheres a respeito das suas realidades. Os resultados apontam para uma falta de estratégias definidas para conciliação em função da pandemia e a identificação de repercussões negativas da dupla jornada à saúde das docentes.

Palavras-chave: Trabalho docente, condições de trabalho, sobrecarga de trabalho.

Abstract

The feminist movement made possible for women to enter in the public space and facilitate access to study and the construction of a career. However, these achievements did not mean their total disassociation from the home, but an agglutination of tasks. Therefore, the present work treats the relation between formal working day, maternity and the realization of domestic activities of teachers who work in cities located in the region of Vale do Rio Doce in Minas Gerais - MG, which corresponds to the east of Minas Gerais. In order to evaluate the changes experienced by these women after the birth of their children and analyze the strategies adopted by the teachers, aiming at the conciliation of these areas, interviews were done, covering information about the routine and the perception of these women about their realities. The results point to a lack of defined strategies for reconciliation due to the pandemic and the identification of negative repercussions of the double shift on the health of teachers.

Keywords: Teaching work, work conditions, workload.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo.....	4
1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivos.....	10
1.1.1 Objetivos Gerais.....	10
1.1.2 Objetivos Específicos	10
1.2 Justificativa	11
1.3 Estrutura do Trabalho.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1 Inserção da mulher no mercado de trabalho	13
2.2 Divisão sexual do trabalho e dupla jornada feminina de trabalho	15
2.3 As doenças ocupacionais em decorrência do trabalho docente.....	21
2.4 Os desafios e as estratégias pela busca do equilíbrio entre docência, trabalho doméstico e maternidade.....	22
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	26
3.1 Revisão de literatura.....	26
3.2 Processo de coleta de dados	26
3.3 Processo de análise de dados	28
4 RESULTADOS	29
4.1 Percepção das mulheres após o nascimento dos filhos.....	31
4.2 Auxílio nos afazeres domésticos	33
4.3 Afastamentos	35
4.4 Estratégias de conciliação	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FINAL DIRECIONADO ÀS DOCENTES40

REFERÊNCIAS.....47

1 INTRODUÇÃO

Com a Revolução Francesa e os ideais pela liberdade, igualdade, fraternidade, homens e mulheres começaram a se mobilizarem e se articularem a fim de adquirirem forças pela busca por cidadania. Decorrente de expressiva exploração entre os séculos XVIII e XIX, uma vez que a mão de obra durante a Revolução Industrial era considerada barata, além da inexistência de leis que regulamentassem a jornada de trabalho, ocorreram mudanças expressivas no âmbito trabalhista (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017).

Entretanto, apesar de lutarem lado a lado aos homens, perseguindo os ideais da Revolução Francesa, as mulheres percebem que não houve emancipação em relação as opressões sofridas por elas, conforme Siqueira e Bussinguer (2020, p. 10)

Não há dúvidas de que, neste período, o espaço ocupado pela mulher era, na maior parte do tempo, o espaço privado, uma vez que ela estava, particularmente, restrita ao convívio com os familiares dentro do ambiente doméstico, propiciando a limitação de seu horizonte.

E, então, surge a necessidade de uma luta própria e com o advento do feminismo e a conquista gradual de direitos, possibilitou a mulher o ingresso à escola e ao mercado de trabalho, buscando outras aspirações de vida, não necessariamente ligadas a maternidade e o cuidado do lar, ou seja, ao trabalho reprodutivo, mas abriu o horizonte para opções ligadas a função intelectual (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017).

Sendo assim, de acordo com Moreira, Guimarães e Quirino (2020), Priore (2013) e Siqueira e Bussinguer (2020), é possível relacionar a divisão sexual do trabalho ao início dessa luta. O lugar feminino, até então, é reconhecido em âmbito doméstico, ligado à responsabilidade da educação dos filhos, dos cuidados com a casa e com os idosos ou pessoas com deficiência, em função das virtudes e atributos naturais da mulher, atrelando-se à sua função biológica e buscando legitimar a divisão sexual do trabalho.

Entretanto, conforme Stancki (2003) e Scavone (2001), a divisão sexual do trabalho deve ser considerada uma construção social, correlacionada às relações de poder e deve evidenciar as assimetrias entre homens e mulheres. O determinismo biológico utilizado para justificar o lugar da mulher como mãe e cuidadora é uma forma de dominação masculina, aprisionando-a num papel ligado à reprodução.

Embora seja notada uma menor distância entre os gêneros, segundo Hirata e Kergoat (2007), ainda no século XXI, para Siqueira e Samparo (2017, p. 13), é possível evidenciar que a ideologia naturista, criticada e desmistificada por Souza-Lobo (1991), Junior e Tiago (2018) e Alves (2013), ainda é adotada para justificar as diferenças entre os sexos

Influenciada pelo sistema patriarcal, a divisão sexual do trabalho consiste em atribuições de atividades aos homens e mulheres devido ao seu sexo biológico, bem como aos culturalismos. Desse modo, nota-se que até nos tempos modernos ainda existe a nomeação de funções tidas como exclusivamente femininas, qual seja, em sua grande maioria, a atividade doméstica.

Frente às opressões sofridas, iniciativas e reações se formaram e se organizaram, culminando em movimentos sociais, como o movimento feminista, em que a mulher, através dos seus avanços, pode migrar a espaços que antes não lhes eram de direito, de acordo com Siqueira e Bussinguer (2020, pg. 4)

O feminismo questiona o papel atribuído à mulher na sociedade como naturalmente inferior ao homem e limitada ao espaço privado, colocando em xeque as características ditas femininas relativas à passividade, ao cuidado e à domesticidade como um todo.

Porém, apesar da conquista do direito a liberdades civis, com o direito ao voto e a frequentar a escola, ao trabalho, a respeito de questões reprodutivas e sexuais, como o acesso aos anticoncepcionais e ao planejamento familiar, a mulher ainda é submetida a submissão e opressão social, sendo assim, a igualdade ainda é algo a ser conquistado (MARTINS; COSTA, 2016). Ainda conforme Besing e Muller (2018, p. 3)

A submissão da mulher esteve intensamente presente na sociedade no decorrer dos séculos e, apesar das inúmeras conquistas já alcançadas, ainda mantém fortes marcas na atualidade, atribuindo à mulher uma posição inferior com relação ao homem e dificultando a efetivação de direitos já formalmente positivados, como no caso do Brasil pela Constituição Brasileira de 1988.

E, mesmo com o avanço da busca pela igualdade e as inúmeras conquistas, isso não significou que as mulheres não realizem mais trabalhos domésticos. Trata-se de uma aglutinação de tarefas no âmbito familiar com o cuidado dos filhos e das atividades do lar e, agora também, do trabalho remunerado (VIEIRA ET AL., 2013).

Em pleno século XXI, é possível identificar a feminização da força de trabalho em algumas profissões e ocupações que estão relacionadas ao cuidado, ou seja, que reforçam o estereótipo da mulher como cuidadora, frágil e mãe, como na área da

saúde (MATOS; TOASSI; OLIVEIRA, 2013), setor têxtil, serviço administrativo e docência, principalmente de professoras primárias e secundárias (YANNOULAS, 2013).

No caso específico da docência, nota-se que as professoras ainda devem aprender a lidar com as diversas pressões no exercício da sua atividade e que corroboram para seu adoecimento.

É exigido que os profissionais de educação ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema de massa, ainda baseado na competitividade, entretanto, os recursos materiais e humanos são cada vez mais precarizados, têm baixos salários, há um aumento das funções das/os professoras/es, contribuindo para um esgotamento e uma contradição quanto à formação que é oferecida (GOMES; BRITO, 2006, p. 4).

Diante do que foi exposto, faz-se necessário estudo para entender a rotina e as formas de enfrentamento das docentes a este cenário comum nas escolas e as estratégias utilizadas para conciliarem o trabalho formal remunerado que as possibilitam ter a autonomia e a liberdade sonhadas desde o advento do movimento feminista, a maternidade e os afazeres domésticos que ainda hoje fazem parte, muitas vezes, integralmente da sua rotina, isto é, sem ajudas de terceiros.

Dada a amplitude do tema proposto, foi adotado como recorte professoras que atuam em cidades localizadas na Região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais – MG para conhecer seus desafios e dilemas frente à conciliação do trabalho formal, maternidade e atividades domésticas.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivos Gerais

Com este trabalho, visa-se, principalmente, estudar a rotina de trabalho das docentes, que atuam em seis cidades localizadas na Região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais – MG, e entender as estratégias utilizadas pelas mesmas para conciliar maternidade, trabalho formal e atividades domésticas.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- Analisar qualitativamente a percepção das mulheres em relação a maternidade e o trabalho doméstico;
- Comparar a percepção de sobrecarga feminina entre os períodos antes e depois da maternidade;
- Identificar se as mulheres recebem ajuda nos afazeres domésticas e a quantidade de tempo de trabalho extraclasse, isto é, se as professoras realizam parte do seu trabalho em casa;
- Identificar se há adoecimentos, em caso afirmativo, analisar os motivos de adoecimento e índice de afastamentos na amostra pesquisada;
- Avaliar as estratégias utilizadas para lidar com a dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho.

1.2 Justificativa

Este trabalho se insere nos interesses da Organização do Trabalho, segundo ABEPRO (2018), esta área é responsável pelo aperfeiçoamento, implantação e avaliação de sistemas de trabalho a fim de torná-los equivalentes às necessidades das pessoas, visando a manutenção da saúde e integridade física de forma a entender as interações entre homem, organização e ambiente no qual está inserido.

De acordo com Chiavenato (2008), a missão se concretiza a partir de pessoas, uma vez que são elas quem realizam as atividades e atingem os objetivos organizacionais através do cumprimento das metas estipuladas pela alta direção. Por isso, as lideranças devem ser sensíveis quanto a forma de entender as relações interpessoais para motivar e extrair o melhor da sua equipe.

Esse trabalho se alinha à necessidade dos futuros engenheiros e engenheiras de produção entendam a subjetividade intrínseca às pessoas do quadro da organização, contemplando suas diferenças.

Além disso, o estudo de gênero, abordando a multiplicidade de papéis da mulher, justifica-se por buscar entender os efeitos na saúde e bem-estar feminino e evidenciar as estratégias utilizadas pela busca da conciliação das jornadas de trabalho. Esse estudo salienta a necessidade da busca pela equidade de gêneros: direitos, benefícios, oportunidades e obrigações devem ser equivalentes a mulheres e homens.

1.3 Estrutura do Trabalho

Este trabalho inicia-se no capítulo 1 com uma introdução sobre feminismo e as conquistas das mulheres e em contrapartida, dados e estatísticas sobre a sua jornada de trabalho e o acúmulo de tarefas que as docentes são responsáveis, uma vez que apesar de migrarem para o mercado de trabalho, as mulheres não se dissociaram da imagem de cuidadora do lar.

Em seguida, no capítulo 2, a revisão de literatura estruturada em quatro pilares: Inserção da mulher no mercado de trabalho; Divisão sexual do trabalho e dupla jornada feminina de trabalho; as doenças ocupacionais em decorrência do trabalho docente e, por fim, Os desafios e as estratégias pela busca do equilíbrio entre docência, trabalho doméstico e maternidade.

No capítulo 3, a respeito da metodologia de pesquisa, estão detalhadas as técnicas para coleta e análise dos dados. Após, no capítulo 4, os resultados e discussões, foi abordada a interpretação a respeito dos dados e suas relações. E, por fim, no capítulo 5, as considerações finais apresentando uma síntese de todos os capítulos anteriores, fechando e reunindo ideias.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura dividiu-se em 4 temas principais, sendo eles: a inserção da mulher no mercado de trabalho, a divisão sexual do trabalho e a dupla jornada de trabalho desempenhada pela mulher, as doenças ocupacionais em decorrência do trabalho docente e por fim, os desafios e as estratégias pela busca do equilíbrio entre docência, trabalho doméstico e maternidade.

2.1 Inserção da mulher no mercado de trabalho

Apesar da chegada do século XXI, conforme Ribeiro (2013), é comum se atribuir às mulheres características de cuidadora, instinto maternal e delicadeza, atrelando-as à biologia para reforçar a relação de inferioridade social. A biologia é utilizada como base para a legitimação da opressão da mulher. Porém, ao longo dos anos, houveram grandes conquistas, mesmo que a passos lentos e graduais.

Num contexto mundial, segundo Probst e Ramos (2003), a partir do século XVII, surgem as iniciativas feministas com cunho mais político, a fim da redução das desigualdades. Porém, o movimento de emancipação feminina teve realmente relevância durante e após a I Guerra Mundial e acentuada pela II Guerra Mundial, uma vez que as mulheres se tornaram as principais mantenedoras do lar enquanto os homens estavam nas frentes de batalha e também ao retorno destes, muitas vezes, mutilados e incapazes para o serviço fabril.

Com o mercado voltado para a produção bélica, ou seja, a confecção de armamentos e munições, como afirmam Dos Santos e Alves (2016), grande parte das mulheres serviu como mão de obra para esta indústria, alimentando e suprindo as necessidades do mercado de trabalho dos países em guerra.

As alterações nas constituições e leis dos países decorrentes de protestos e manifestações feministas também contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho. Estas medidas foram fundamentais para a consolidação dos direitos das mulheres, por exemplo, Comissão de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas) na Reunião de Viena em 1993, exigiu que fossem inclusas medidas para coibir a violência de gênero (PEDRO; GUEDES, 2010).

No Brasil, até os primeiros anos do século XXI, as mulheres eram limitadas a educação voltada aos assuntos domésticos, excluindo-as da esfera pública. Porém, através da Constituinte em 1934, o direito à educação é assegurado às mulheres,

embora que ainda apresentasse diferenças entre o conteúdo ministrado para meninos e meninas, mas é, a partir daí, que surge uma porta de entrada das mulheres ao mercado de trabalho com o magistério. O direito a educação foi consolidado a partir das manifestações sociais, o advento do feminismo, as demandas do próprio mercado, as transformações políticas e pelos veículos de comunicação (SANTIAGO; PIMENTEL, 2014).

Nos últimos 40 anos, com a ampliação do acesso à escola, conferindo um maior grau de instrução às mulheres, estas vem alcançando novos postos antes considerados majoritariamente masculinos como a engenharia. É evidenciada a crescente participação feminina no mercado de trabalho cada vez mais especializada, entretanto é possível estabelecer um contraposto, ainda há uma diferença salarial considerável entre homens e mulheres (QUIRINO, 2012).

Dessa forma, desde então, a mulher vem mudando o panorama cultural e familiar, um exemplo é a conquista do direito ao conhecimento e ingresso à faculdade. O aumento da escolaridade e a busca por qualificação impactou positivamente a inserção feminina no mercado de trabalho (BARBOSA, 2014).

Nota-se também um aumento pela procura de métodos contraceptivos e a diminuição da taxa de fecundidade, atrelados a uma maior preocupação com a consolidação da carreira (PEREIRA; SANTOS; BORGES, 2005).

Em resumo, as mulheres vêm mudando a sua identidade social, através do maior grau de instrução, ocupando cargos melhores. E, para se dedicarem à carreira e buscarem pela independência profissional e financeira, a maternidade se tornou mais tardia e até menos frequente com o acesso facilitado aos métodos contraceptivos e o aumento da sua eficácia (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

Apesar das conquistas até então garantidas é bom ressaltar, conforme Probst e Ramos (2003, p.2)

É importante, no entanto, ressaltarmos que a inserção da mulher no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Ainda é visível a existência de barreiras à participação feminina ao mercado de trabalho, promovendo a persistência de assimetrias entre os gêneros. Conforme Kon (2013), apesar dos princípios de igualdade estabelecidos, é possível identificar

impactos negativos quanto a efetivação de mulheres, por apresentarem maiores custos ao empregador em função da maternidade. E, de acordo com Fernandes (2013), uma diferença entre homens e mulheres ainda é a questão salarial e hierárquica, em que as mulheres são negativamente influenciadas. Além disso, Pereira e Lima (2017) ainda trazem um outro ponto muito importante, mesmo com uma taxa de escolaridade maior que os homens, as mulheres ainda assumem cargos de baixa e média qualificação profissional.

2.2 Divisão sexual do trabalho e dupla jornada feminina de trabalho

As autoras Hirata e Kergoat (2007, p. 1) descreveram o termo “divisão sexual do trabalho” como

Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

Ainda segundo as autoras, uma vez que a mulher está ligada à esfera reprodutiva e o homem à esfera produtiva, a percepção dessa condição de opressão trouxe a reflexão do trabalho invisível realizado pela mulher, em prol de terceiros e em nome do amor e cuidado. As autoras também expõem a situação de delegação, isto é, mesmo quando a atividade é direcionada ao pai, por exemplo, a mulher ainda é responsável pela gestão e coordenação da casa, evidenciando a questão da sobrecarga.

Enquanto, para Siqueira e Samparo (2017), a divisão sexual do trabalho separe-se em dois conceitos, sendo eles, o de separação e da hierarquia. O primeiro admite que haja trabalho que é especificamente feminino e outros masculinos. Porém, pelo segundo conceito, aceita-se a superioridade do homem. Sendo assim, nota-se a inexistência de liberdade e ainda que compactua com a dominação dos homens sobre as mulheres. Sintetizando, mulheres são definidas por atividades domésticas e homens com a produtividade.

Para Sousa e Guedes (2016), até meados do século XIX, estabelecia-se a dicotomia entre os gêneros, sendo o homem do espaço público e a mulher ao espaço privado, trazendo a noção de homem provedor e mulher cuidadora. Com o movimento feminista e as graduais conquistas femininas, foi observado um

“relaxamento das fronteiras”, sendo assim, as mulheres passaram a participar do espaço público, como os homens.

Entretanto, percebe-se que esta movimentação foi unilateral, pois, as mulheres permaneceram na esfera privada, não houve mudanças significativas dos homens nas atividades domésticas não-remuneradas. Essa relação assimétrica entre os sexos provoca desigualdades de papéis e funções na sociedade e desencadeia relações de poder e prestígio, fortalecidas pela naturalização do problema, como da subordinação feminina e aceitação do espaço privado como integrante à personalidade feminina (DUARTE; SPINELLI, 2019).

De acordo com Picchio (2018), observa-se um desequilíbrio em relação as noções de gênero e a divisão do trabalho. A responsabilidade pelo trabalho doméstico sempre partiu das mulheres, qualificando a dupla jornada de trabalho como feminina, independentemente de idade, ocupação ou renda, utilizando a atribuição de uma condição de cuidadora à mulher, justificando-se pela natureza dela. As mulheres são responsáveis pela criação dos filhos/cuidado com idosos e realização das tarefas domésticas, mesmo com a inserção no mercado de trabalho. Sendo assim, é pressuposto que todas estas atividades sejam desempenhadas por elas, independente do que exige o seu trabalho formal. Portanto, estão sujeitas a dupla jornada de trabalho.

Além disso, é possível afirmar o contraposto entre o número crescente de mulheres em posição de liderança e empregos de serviços, como trabalho doméstico e cuidado a idosos e crianças. Esta situação reforça a associação da força de trabalho feminina a este tipo de atividade, provocando redução de status social, precarização e subvalorização (HIRATA, 2015).

De acordo com as Estatísticas de Gênero do IBGE (2018), mulheres dedicam em média 18,1 horas semanais com afazeres domésticos, enquanto os homens cerca de 10,5 horas por semana, observando-se uma diferença de 73% a mais de horas trabalhadas em casa pelas mulheres. Num comparativo ao ano de 2017, homens gastavam cerca de 10,6 horas enquanto as mulheres 27,2 horas semanais, de acordo com a Fundação Carlos Chagas (2017). Dessa forma, nota-se uma diminuição entre a discrepância nas horas dedicadas por gênero, mas ainda há muito a ser melhorado.

No entanto, como afirmam as autoras Zibetti e Pereira (2010, p. 4) esse tipo de atividade torna-se de pouco valor por não ser entendida como algo que traga certo

retorno financeiro “Por não resultar em mercadoria, o trabalho ou o serviço doméstico desenvolvido em favor do próprio grupo familiar é entendido como uma forma de respeito, reciprocidade e obediência, portanto, pouco valorizado[...]”O trabalho realizado no âmbito familiar torna-se invisível e tal característica distorce o impacto da dupla jornada desempenhada pela mulher (ARAUJO; PINHO; MASSON, 2019).

Nota-se uma exigência por parte da mulher de um maior envolvimento dos homens na atividade doméstica. Porém ainda é possível verificar que as mulheres chegam a despender mais que o dobro de horas em trabalhos domésticos que os homens no Brasil. O cenário mundial apresenta uma disparidade ainda maior: as mulheres gastam cerca de uma a duas vezes mais tempo em trabalho doméstico e de duas a dez vezes mais tempo investido em cuidados que os homens (BARROS; MOURÃO, 2018).

Conforme França e Schimanski (2009), é possível perceber um maior envolvimento dos homens na criação dos filhos, porém o mesmo não ocorre para a realização das atividades domésticas em geral, principalmente na educação e formação moral (GUIMARÃES; PETEAN, 2012). Inclusive, as mulheres garantem não sentir uma sobrecarga, mas um acúmulo das atividades e que muitas vezes abdicam do tempo de descanso para dedicar-se à organização da casa. Apesar da discrepância apresentada, as mulheres têm o seu trabalho com a confirmação de sua emancipação, trazendo satisfação pessoal e valorização.

De acordo com relatório publicado pela Organização Mundial do Trabalho em 2018, a taxa de participação feminina mundial em força de trabalho é de 48,5%, cerca de 26,5% menor que a representação dos homens (70%). Além disso, o relatório evidencia a necessidade de redistribuição das demandas em relação ao trabalho doméstico em função das desigualdades existentes, que contribuem para a divisão sexual do trabalho.

Conforme a Figura 1 abaixo, é possível observar que a relação entre a proporção entre o gênero responsável pelos afazeres domésticos entre os anos de 2004 e 2014. É notório que houve pouca alteração, observa-se até mesmo o aumento dessa porcentagem para a mulher como uma pessoa de referência, assim como, um acréscimo de 7 pontos percentuais para os homens como chefes de família. Porém, na relação entre cônjuges a diferença apresentada apresenta-se incipiente. Importante frisar a discrepância entre as porcentagens femininas e as

masculinas (SOUZA; GUEDES, 2016).

Figura 1 Proporção de pessoas com 16 anos ou mais que cuidavam dos afazeres domésticos por sexo e condição na família

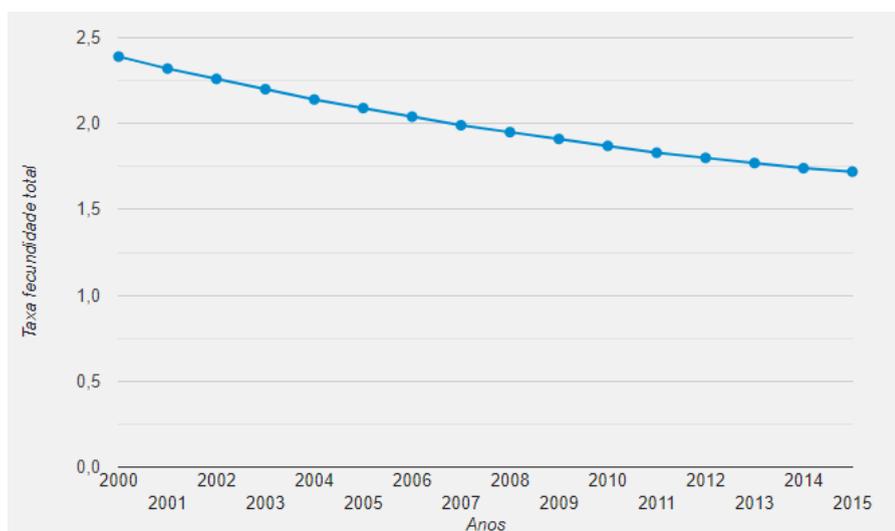
	Ano 2004		Ano 2014	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Pessoa de Referência	92,25%	51,44%	92,84%	58,36%
Cônjuge	97,16%	46,55%	95,70%	46,64%

Fonte: SOUZA e GUEDES (2016)

De acordo com Agostinho e Lopes (2014), a respeito do desequilíbrio entre a carreira, o cuidado com o lar e maternidade, é possível verificar o receio da repercussão negativa em suas carreiras. Nota-se em mulheres com maior grau de instrução o adiamento da maternidade ou a exclusão desses planos da vida da mulher, uma vez que ainda é naturalizado e centralizado o papel da mãe na criação dos filhos.

De acordo com o IBGE (2013), conforme a Figura 2 abaixo, a evolução da queda da taxa de fecundidade, ou seja, a projeção do número de filhos que a mulher teria ao fim da sua vida reprodutiva. Em 2000, observa-se uma taxa igual a 2,39 e em 2015, 1,72 filhos, apresentando diminuição em cerca de 72% e comprovando como a maternidade não é mais o objetivo de vida de muitas mulheres.

Figura 2 Taxa de fecundidade total – Brasil – 2000 a 2015



Fonte: IBGE (2013)

Além disso, Lima (2012) aborda ainda a questão de mulheres de classes menos

favorecidas, em que o trabalho é considerado uma necessidade, diferindo-se da carreira almejada pelas mulheres mais instruídas.

Essa situação atenua-se, diante do cenário de crises e recessões num mundo globalizado, ou seja, a interligação entre os mercados, uma vez que se nota um crescimento dos empregos relacionados a serviços. E, de acordo com Hirata (2003), é possível também estabelecer relação entre esse mercado e a força de trabalho feminina. As mulheres, muitas vezes, inativas e sem qualificação profissional se veem em posição de ingresso no mercado de trabalho em situações de necessidade.

Além disso, os autores Souza e Guedes (2016) observam que as obrigações com o trabalho doméstico limitam o desenvolvimento profissional das mulheres, provocando em menores salários, cargos menos qualificados e muitas vezes, até mesmo, a interrupção da carreira. Outro ponto muito importante levado em conta pelos autores trata do ingresso de mulheres em ramos de atividade anteriormente dominados pelos homens não desqualifica a questão da divisão sexual de trabalho desigual, pois mesmo ocupando estes lugares, pois ainda existe hierarquização do homem possuindo maior valor em relação ao trabalho feminino.

Um outro ponto a ser destacado em relação a esta bipolarização é o fato da aquisição de ajuda para o cuidado das crianças. As mulheres que não possuem condições para obter essa ajuda têm menos tempo para se dedicarem aos estudos e assim, tendem a precarização da sua força de trabalho (BITENCOURT, 2019).

De acordo com Hirata (2015), há uma bipolarização das mulheres atuantes no mercado de trabalho: de um lado, profissionais qualificadas, salários decentes e status social e do outro, mulheres com pouca qualificação, baixa remuneração e baixo prestígio social, vale lembrar que muitas vezes estas praticam trabalho informal.

No caso das professoras, de acordo com Zibetti e Pereira (2010), essa assimetria pode ser percebida ainda pelas atividades que as docentes desempenham, mas que não estão incluídas a sua jornada de trabalho, como o planejamento e preparação das aulas ou correção de algum exercício, sendo incumbências que serão realizadas pós horário de trabalho juntamente aos afazeres domésticos e gerando um resultado negativo em relação à qualidade de vida percebida pelas mulheres e no próprio trabalho.

Outra questão levantada por Alvarenga (2008), é que o trabalho realizado pelas

docentes em si é considerado em turnos. Sendo assim, as professoras podem realizar não só dupla jornada, quando acrescidas de trabalhos em outras instituições ou mesmo em dois turnos, configurando tripla jornada quando somada à atividade doméstica. Um fato a ser ressaltado ao estudo feito pela autora é em relação à diferença no envolvimento dos professores e professoras nos afazeres domésticos. Independentemente de morar sozinha ou não, trabalhando em um ou mais turnos, todas as mulheres possuem algum grau de responsabilidade sobre as atividades domésticas, enquanto os homens não apresentam essa preocupação. Em sua pesquisa, também foi constatado que apenas uma das mulheres entrevistadas possuía ajuda do marido nos afazeres.

Importante ressaltar também que, no decorrer do estudo realizado pelas pesquisadoras Zibetti e Pereira (2010, p. 11), notou-se que embora as entrevistadas afirmassem que os maridos participavam dos afazeres domésticos: “[...] fica evidente que esta se caracteriza como uma contribuição, que está mais presente na responsabilidade com os filhos, nas compras de supermercado e no preparo das refeições [...]”. Ao aglutinar as múltiplas responsabilidades dessas mulheres, percebe-se também que o tempo disponível para que elas sigam estudando e se qualificando reduz-se a cursos de graduação a distância ou semipresenciais, mostrando-se mais um problema da jornada de trabalho continuada das docentes.

A evidente falta de envolvimento dos pais na criação dos filhos também é comprovada pelo estudo de Vanalli e Barham (2012). As mulheres entrevistadas acreditavam despender mais tempo nas atividades domésticas e relataram sentir-se mais sobrecarregadas em função da tentativa de conciliação de todas as jornadas. Ainda discorreram sobre a importância de cônjuges e familiares engajados no relacionamento e desenvolvimento dos filhos e como gostariam de contar com um maior apoio dessas pessoas.

Importante ainda ressaltar que, conforme a pesquisa feita por Zibetti e Pereira (2010), as docentes relatam que o salário é insuficiente para contratar alguém para auxiliar nas tarefas domésticas, portanto, contam com a ajuda dos familiares. Além disso, ao invés de usarem o intervalo entre as aulas para descansar, uma vez que o trabalho com crianças é bem desgastante pois exige atenção continuada e equilíbrio psicológico, utilizam-no para realizar o planejamento, porém este tempo ainda é insuficiente para a finalização desta atividade.

2.3 As doenças ocupacionais em decorrência do trabalho docente

O trabalho docente não se trata apenas ministrar aulas, mas de uma série de tarefas, dentre elas: o planejamento e gestão das aulas, correção de atividades, lançamento de notas e faltas, controle da turma, evitando dispersões e mantendo os alunos atentos ao conteúdo, por exemplo. Além disso, também existe uma certa demanda social, segundo Lélis (2012), passou-se a exigir dos docentes ao longo dos anos que se tornem responsáveis por construir ética, emocional e afetivamente os seus alunos.

Conforme Zibetti e Pereira (2010, p. 7) “A docência tem sido caracterizada como uma profissão extremamente desgastante, cuja execução é agravada pelas condições de trabalho tais como jornadas exaustivas, salários insuficientes e demandas que extrapolam o ambiente profissional. ”

Ao desempenhar tantas tarefas, conforme Mariano e Muniz (2006), foi apresentado que alguns professores não tem um horário reservado para atividades como o planejamento de aulas durante o trabalho, acarretando em mais um turno de trabalho, mesmo fora da escola. E muitos deles, acabam se tornando insatisfeitos com as suas entregas, em decorrência de uma série de demandas simultânea muito extensa. Ao responder por todas estas atividades, o professor lida com a descaracterização do papel da docência, desvalorização do seu trabalho, baixos salários, precariedade das condições de trabalho e perda de identidade, conforme Oliveira (2010).

Conforme estudo de Cruz e Lemos (2005), percebe-se uma desvalorização do trabalho docente, demonstrado pela falta de respeito dos alunos e da sociedade percebida pelos professores e também a questão salarial que não é adequado pela responsabilidade social exercida pelos docentes. Além disso, a necessidade de ampliação da jornada para agregar o salário e o número excessivo de alunos por sala de aula. Estes são fatores que tem contribuído fortemente para a diminuição da qualidade da saúde dos docentes. Dessa forma, ainda segundo os autores, o ambiente de trabalho docente propicia o desgaste físico e emocional e é decisivo na determinação de transtornos relacionados ao estresse, como síndrome de Burnout, depressão, transtorno de ansiedade, distúrbios psicossomáticos, fobias, neuroses do trabalho, fadiga psicológica, síndrome do pânico e até mesmo, problemas físicos como distúrbios vocais e tonais, disfunções ortopédicas, problemas

cardiovasculares. Alguns dos estímulos estressores ligados à docência são responsabilidade excessiva, falta de apoio da direção, expectativas e cobranças excessivas, ruídos, falta de perspectiva, negligência com os cuidados ergonômicos.

Conforme a Figura 3, extraída do estudo de Valle (2017), nota-se que 57,89% dos professores entrevistados apresentavam algum tipo de doença ocupacional. É possível observar a relevância dos fatores estressores nos problemas elencados pela Figura 3. Houveram queixas a respeito ao uso contínuo da voz, uma vez que não há um preparo prévio. Foi relatado também que as salas de aula não foram projetadas de forma correta, sendo assim, possuem acústica e circulação de ar ruins. Em relação aos problemas ortopédicos, são advindos da má postura, reprodução de movimentos repetitivos ao escrever no quadro ou corrigir provas, por exemplo, mobiliário inadequado ou mesmo de má qualidade das salas, prejudicando a ergonomia. Já relacionado aos problemas de saúde mental, as causas estão associadas a quantidade de alunos na sala, rotina tumultuada, carga horária excessiva, qualidade dos materiais, problemas interpessoais, dentre outros.

Figura 3 Dados referentes ao índice de doenças ocupacionais em docentes

Variável	N	%
Doenças ocupacionais		57,89%
Problemas de saúde mental	11	19,29%
Problemas ortopédicos	13	22,8%
Problemas na voz	5	8,8%
Problemas cardiovasculares	4	7%
Não apresentaram problemas	24	42,11%

Fonte: VALLE (2017)

De acordo com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2018), numa amostra de 3157 professoras, constatou que, com maiores incidências, respectivamente, sentiam sintomas ou sinais de adoecimento, 253 declaravam-se ansiosas, 237 apresentavam problemas na voz, 236 descreviam cansaço ou fadiga, 208 com dores nos braços e 200 com dores de cabeça. Enquanto, em relação a ocorrências de doenças, observava-se em professores do sexo feminino, estresse, problemas na voz, depressão, alergia a pó e enxaqueca.

2.4 Os desafios e as estratégias pela busca do equilíbrio entre docência,

trabalho doméstico e maternidade

De acordo com Coelho (2019), os principais desafios identificados pelas mulheres são I) conciliar atividades maternas e profissionais, buscando alinhar horários e compromissos; II) superar as limitações profissionais após a maternidade, muitas vezes, envolvendo mudança no planejamento de carreira; III) superar o sentimento de culpa, é perceptível o medo constante de não terem sido boas mães, apesar do assunto não ter sido pauta nas entrevistas; IV) suprir necessidades financeiras, muitas mulheres obtiveram a missão de arcarem sozinhas com as despesas da casa, seja por viuvez ou por serem mães sozinhas, além disso, este fator geralmente está associado ao sentimento de culpa; V) privilegiar as necessidades dos filhos sem esquecer-se de si, as mulheres relatam privação a fim da priorização do estudo dos filhos ou de parceiros, evitando uma terceira pessoa na casa, como uma forma de proteção e também foi evidenciado que os filhos possuem grande peso nas decisões a respeito de novas oportunidades na sua carreira; VI) administrar a sobrecarga de responsabilidades devido à falta de participação paterna, ao não se fazerem presentes, os pais acabam passando todas as demandas e responsabilidades para as mães e elas precisam se privar ainda mais para supri-los; VII) superar a discriminação, foram apresentadas situações em que as mulheres foram questionadas sobre os filhos em entrevistas de emprego, abordado também a diferença salarial entre homens e mulheres e questões a respeito de ascensão de carreira.

No Brasil, desde 1943, quando foi sancionada a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, as mulheres têm direito a licença maternidade, garantindo que a mãe possua este vínculo inicial com o filho recém-nascido. Além disso, em 2008, foi instaurou-se o aumento na licença de 120 para 180 dias, porém esta prática não é obrigatória. De modo inicial, esta é uma política pública que auxilia as mães e consiste em uma estratégia temporária para que a mulher consiga se adequar à nova realidade. Ao fim da licença, conforme Andrade, Praun e Avoglia (2020) e Coelho (2019), existe certo receio por parte da mulher que irá retornar ao seu posto de trabalho. E é causado por diversos motivos entre eles: a própria separação do filho e a preocupação com o seu bem-estar, sofrimento pela distância do filho, mudanças na organização que afetarão a sua atividade laboral, medo de perder o lugar de mãe por considerarem o tempo ausente muito alto ou de não conseguirem

exercer sua função como antes. Importante ressaltar que a adoção de estratégias não garante melhoria nas condições psicológicas, emocionais e físicas das mães.

No contexto de pesquisa dos autores, foi possível enumerar algumas estratégias como: o planejamento antes mesmo da gravidez e busca de soluções para amenizar a distância do filho, como redução das horas trabalhadas, transferência para locais mais próximos ou que tenha possibilidade de levar o filho junto, a separação dos papéis exercidos de mãe e trabalhadora, estabelecendo momentos para cada um deles e também o pensamento de optar por apenas um deles, sendo os dois caminhos parte da mulher e não se faz possível a dissociação dessas áreas em sua vida ou até mesmo a descontinuidade da sua carreira.

Beltrame e Donelli (2012) evidenciam as diferentes estruturas em que as famílias provenientes das alterações nos papéis sociais e a decomposição da família tradicional, afetando diretamente na maternidade. Com a baixa taxa de natalidade e a evolução da mulher no mercado de trabalho, a maternidade tardia, adoção e inseminação artificial tornam-se opções, além de existir mulheres que optem pela não-maternidade. Quando preferem pela conjunção carreira e maternidade, uma das estratégias identificadas pelas autoras é a busca por uma rede de apoio, as mães trabalhadoras delegam a creches, babás, escolas, avós parte do cuidado pela criança. Nota-se que a utilização de uma instituição formal é geralmente advinda de mulheres que optam pela maternidade tardia.

A respeito de estratégias de conciliação, Coelho (2019, p. 74)

As entrevistadas descreveram, além das dificuldades, algumas alternativas e estratégias para superar os desafios enfrentados, entre elas, adotar uma postura de defesa mais firme e reservada em torno da vida pessoal para que seus problemas pessoais não interfiram no trabalho, limitar e administrar melhor os gastos, se privar ou deixar de lado alguns objetivos pessoais em prol dos filhos, assim como a organização da rotina, o foco, e o apoio da família ou de babás e domésticas.

Figura 4 Análise comparativa entre as estratégias de conciliação do tempo laboral e familiar

Estratégias de Conciliação	Nível Ocupacional (%)			
	Geral	Apoio	Intermediário	Superior
Dupla jornada diária	45,6	66,7	58,3	25,6
Transfêrencia das tarefas para a empregada	33,0	8,3	29,2	44,2
Faz os serviços domésticos nos fins de semana	12,6	33,3	14,6	4,6
Recorre a instituições especializadas	15,5	16,6	12,5	18,6
Divisão das tarefas com os membros da família	17,5	41,7	14,5	14,0
Planejamento das atividades (organização)	24,3	16,7	16,7	34,8
Meia jornada de trabalho (6 horas)	2,0	-	4,2	-
Menor nível de exigência	2,0	-	4,2	-
Ajuda os filhos nas tarefas escolares à noite	8,7	-	10,4	9,3

Fonte: LADEIRA (2000)

De acordo com a Figura 4, feita por Ladeira (2000), a respeito dos resultados obtidos em sua pesquisa, destaca-se o percentual de 44,2% das mulheres com ensino superior utilizam como estratégia de conciliação do tempo laboral e familiar a transferência das tarefas para a empregada. Entretanto, percebeu-se que as mulheres em sua totalidade auxiliavam nos serviços domésticos, o que altera é a intensidade em que cada grupo dedicava aos afazeres domésticos.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa trata-se de um estudo descritivo com abordagem quali-quantitativa dos dados realizada com professores que atuam em seis cidades localizadas na Região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais – MG, que corresponde ao leste mineiro. Os seis municípios, definidos em função da acessibilidade aos dados, possuem população estimada em 87.871 habitantes, conforme o último censo realizado pelo IBGE (2010). Segundo o INEP (2018), os docentes contabilizam 1.183 destes habitantes, sendo 783 que lecionam no ensino fundamental e 400 no ensino médio. Ainda de acordo com o INEP (2018), o número de escolas nestas cidades soma-se 93 estabelecimentos.

3.1 Revisão de literatura

Para construir o corpo teórico desse trabalho de conclusão de curso, foi utilizada a revisão de literatura nacional sobre os temas: inserção da mulher no mercado de trabalho, divisão sexual do trabalho, trabalho docente, trabalho e maternidade, dupla jornada feminina de trabalho, estatísticas sobre ocupação das mulheres no contexto atual, as doenças ocupacionais em decorrência do trabalho docente, assim como, os desafios e as estratégias pela busca do equilíbrio entre docência, trabalho doméstico e maternidade.

3.2 Processo de coleta de dados

A partir da construção do referencial teórico, foi iniciado o processo para a elaboração, validação e aplicação do questionário. Primeiramente, foi-se elaborada uma lista de tópicos a serem abordados a partir do referencial teórico, definindo os objetivos da pesquisa e a partir da revisão de literatura, foi elaborado uma lista de temas a serem abordados no questionário.

Em seguida, para a validação do questionário, considerando o público alvo da pesquisa, foi realizada uma pesquisa com professoras de ensino fundamental de escolas públicas. Inicialmente, foi utilizado um roteiro semiestruturado, a fim de garantir uma maior aderência do questionário e a liberdade de inclusão ou modificação das questões elaboradas anteriormente. O questionário foi aplicado a uma amostra composta de 9 professoras, escolhidos por acessibilidade

(OLIVEIRA, 2001) entre os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021.

O questionário foi composto por três pilares: primeiramente caracterizou-se o perfil da entrevistada. Sendo assim, fizeram parte desse bloco questões sobre a idade, estado civil, onde reside, informações sobre os filhos. No segundo bloco, as entrevistadas foram abordadas quanto à sua vida profissional, no qual era perguntado sobre as turmas em que elas lecionavam, o tempo de carreira, entre outros. E, em terceiro, o seu grau de percepção de sobrecarga, no qual existiam perguntas mais voltadas para a sua rotina e o quanto de horas diárias de trabalho formal e informal a mesma exercia.

Todas as entrevistadas foram abordadas por telefone e as respostas foram gravadas e posteriormente transcritas. Esta validação do questionário com a finalidade de transformar o questionário ao mais aderente possível. Das nove professoras contatadas para realizar teste, todas responderam às questões propostas. O tempo médio gasto para respostas foi de 20 minutos.

Após a elaboração da primeira versão do questionário e da validação com as professoras, foi elaborada uma segunda versão do questionário. A principal diferença dessa nova versão para a primeira foi uma melhor adaptação das questões levantadas e também a utilização do meio online para esta segunda etapa da pesquisa. A fim de otimizar o tempo para a coleta de dados, optou-se pela utilização do meio eletrônico para a distribuição da pesquisa. Sendo assim, o segundo formulário foi elaborado através do *Google Forms*.

Posteriormente, foi solicitado que quatro pessoas, escolhidas aleatoriamente, acessassem o *Google Forms* e respondessem o questionário para que se fizesse o pré-teste do questionário. E assim, validar a segunda versão do questionário, a fim de garantir que a versão online estivesse adequada para sua distribuição. Foram feitas algumas alterações para que o acesso fosse mais fácil e também foi avaliado se o questionário estava longo. Além disso, foram aplicadas perguntas condicionais, sendo assim, foi avaliado também se havia coerência entre os cenários estabelecidos.

Por fim, a elaboração da versão final, resultando em um questionário, presente no anexo A deste documento, composto por cinco seções: (1) Informações pessoais; (2) Informações sobre os filhos (apenas se a mulher marca a opção que possui filhos na seção anterior); (3) Questões a respeito da rotina, (4) Informações sobre percepções da sua rotina e (5) Informações sobre

doenças ocupacionais.

A coleta de dados foi realizada no período de cerca de três semanas entre os meses de março e abril deste ano, por meio da aplicação de um questionário variando de 15 a 21 questões, de acordo com as respostas das entrevistadas. Ao total, foram entrevistadas 38 professoras.

3.3 Processo de análise de dados

A análise de dados procedeu conforme Strauss e Corbin (1994, p. 273) “A Teoria Fundamentada nos Dados é uma metodologia geral para o desenvolvimento de teoria baseada em dados coletados e analisados sistematicamente.” Em que os dados foram codificados, analisados e agrupados através da comparação sistemática dos dados. A primeira etapa consiste na codificação, visando o estudo e compreensão dos dados através de uma verificação do seu conteúdo. Em seguida, estes dados são classificados em categorias de forma comparativa e constante, de acordo com as observações e entendimento da fase anterior. Por fim, a partir das etapas anteriormente, criar relações e/ou apontar divergências através dos dados coletados, contemplando uma análise ampla dos fatos.

4 RESULTADOS

A amostra foi composta por 38 professoras, a idade média das respondentes é de 41 anos, 73% são casadas, 78% possuem formação superior completo, 73% representam professoras com mais de 10 anos de carreira e 84% dessas mulheres têm filhos. Quanto a categoria do estabelecimento de ensino, 7,89% das mulheres trabalham na rede particular, 57,89% na rede pública e o restante (34,21%) trabalham em ambas. Em função das turmas ministradas pelas docentes, conforme relação apresentada na Tabela 1 abaixo:

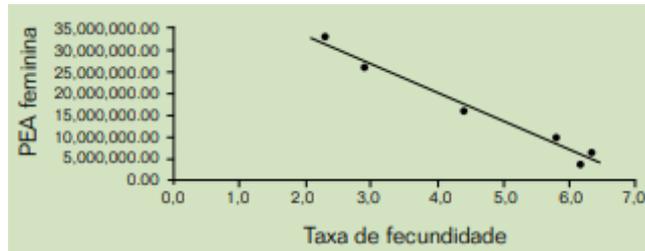
Tabela 1 Turmas ministradas

Turmas ministradas	
Ensino fundamental	32
Educação infantil	20
Ensino médio	16
Pré escola	11
Ensino superior	7
Ensino médio técnico	1
EJA	1

Fonte: Elaboração Própria (2021)

A média de filhos por mulher é de 1,62 filhos. Para as mulheres com nível de formação acadêmica em pós-graduação, mestrado e doutorado, esta média cai para 1 filho. Das professoras entrevistadas que não possuíam filhos, a formação mínima é superior completo, sendo duas deles, mestres. Segundo Miranda-Ribeiro, Garcia e Faria (2019), “enquanto as mais escolarizadas mostravam indícios de estarem passando pela segunda transição demográfica, as menos escolarizadas encontravam-se ainda na primeira fase”. A maior escolarização das mulheres brasileiras encadeia um novo comportamento reprodutivo em realizar o adiamento da maternidade em função da ascensão profissional. Sendo assim, à medida que a mulher vai avançando em sua carreira, uma gravidez torna-se presente nos planos.

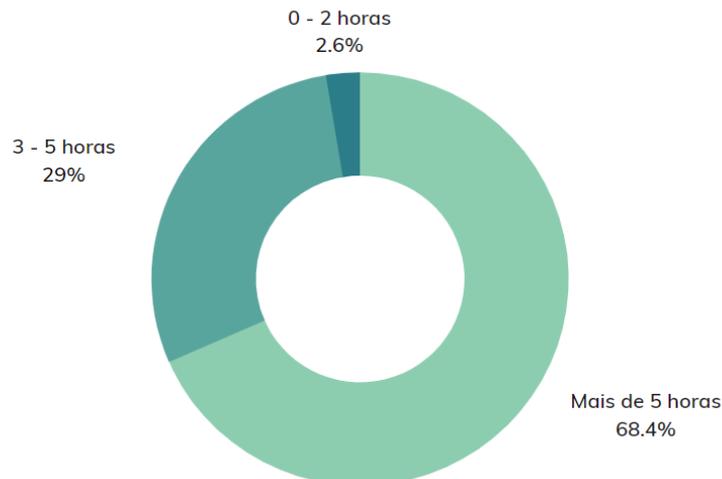
Figura 5 Relação da taxa de fecundidade e PEA feminina entre os anos 1950-2000 no Brasil



Fonte: FERNANDES et al. (2011)

Assim como o comportamento apresentado pelas entrevistadas, nota-se a relação da redução da taxa de fecundidade com o crescimento da população economicamente ativa (PEA) feminina, conforme a Figura 5 acima. Segundo Fernandes et al. (2011), o número de filhos vem diminuindo em detrimento do aumento da participação da mulher no mercado de trabalho formal. A inserção das mulheres tem trazido mudanças na estrutura social, porém esta modificação traz um acúmulo de atividades frente aos diversos papéis da mulher em sociedade.

Figura 6 Tempo de trabalho formal em casa

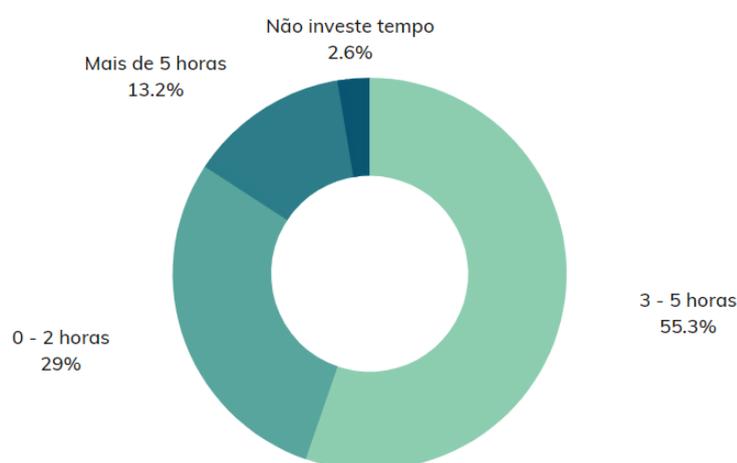


Fonte: Elaboração Própria (2021)

No que se refere ao tempo de trabalho extraclasse, seja na correção de provas, planejamento de aulas ou elaboração de atividades, 97% das respondentes afirmaram trabalhar formalmente em casa por mais de 3 horas, sendo 70% por mais de 5 horas diárias dedicadas, evidenciando a falta de

horário vago para desempenhar essas atividades na escola, assim como relatado por Mariano e Muniz (2006), gerando mais um turno de trabalho em casa. Além de mostrar como a pandemia tem afetado negativamente, causando um tempo dedicado ao trabalho ainda maior pelo fato da necessidade de adaptação ao método de trabalho e até mesmo da falta de disponibilização de equipamentos para que haja a separação dos campos da vida pessoal e profissional.

Figura 7 Tempo investido em afazeres domésticos



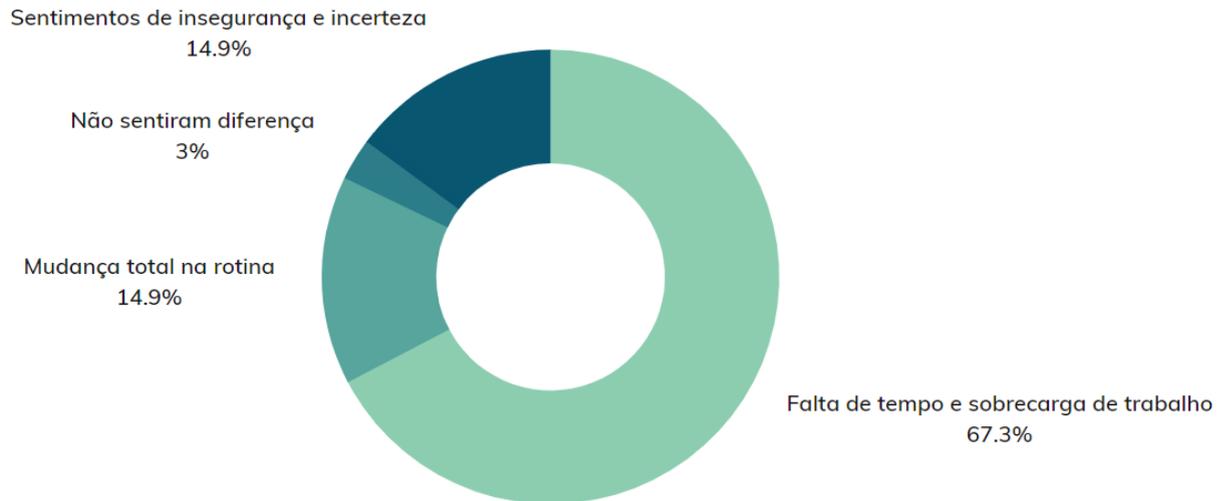
Fonte: Elaboração Própria (2021)

Em relação ao tempo dedicado aos afazeres domésticos, 97% das mulheres auxiliam nestas atividades, sendo até duas horas, 29%, entre três e cinco, 55,3% e por mais de cinco horas, 13,2%. O gasto médio gasto em atividades domésticas foi de 3,15 horas diárias.

4.1 Percepção das mulheres após o nascimento dos filhos

Num primeiro momento, foi avaliada a percepção das mulheres em relação às mudanças após o nascimento dos filhos. As respostas foram categorizadas conforme a forma de lidar com as mudanças: as que perceberam acúmulo de trabalho e sentiram necessidade de se reorganizar, as que optaram por mudar totalmente a rotina após o nascimento dos filhos, as que não sentiram diferenças e as que relacionaram as mudanças ao sentimento de insegurança.

Figura 8 Percepção das mulheres após o nascimento dos filhos



Fonte: Elaboração Própria (2021)

Conforme a Figura 8, aproximadamente 68% das mulheres declararam as mudanças mais significativas sendo a falta de tempo e a sobrecarga de trabalho.

Cerca de 15% das mulheres optaram por mudar suas rotinas mesmo que por um período para facilitar a conciliação de todas as suas atividades. A entrevistada 6 que declarou “Com os dois filhos deixar de trabalhar fora de casa nos dois primeiros anos de vida. Voltei a trabalhar quando estavam mais crescidos. ” Assim como a entrevistada 17

Resposta muito subjetiva. Tudo muda! Mas no meu caso, desde que engravidei optei por trabalhar um horário só. Exonerei em uma cadeira e migrei a outra para a Ed Infantil (tinha esta flexibilidade), e desde que nasceram, puderam me acompanhar na escola para estudar enquanto eu trabalhava. Íamos e voltávamos juntos pela manhã! E a tarde eu cuidava deles e da casa. Voltei a trabalhar 2 horários só quando a mais nova estava com 3 anos.

E até como a entrevistada 27 que optou por ter a ajuda externa

Meus filhos sempre foram muito tranquilos e estudavam na mesma escola que trabalhava. Isso ajudou na minha rotina. Sempre tive ajudante, o que facilitou muito esse trabalho de mãe dona de casa e professora.

Desta amostra, apenas 3% das mulheres afirmaram não sentir diferenças após o nascimento dos filhos.

Quinze por cento das respondentes comentaram a respeito dos sentimentos que influenciaram direto este período, como a entrevistada 34: “Incertezas diante

das dificuldades que o mundo nos traz. Também insegurança em relação a estar apta a atender os anseios de minhas filhas. Hoje trabalho em prol da educação das 3 para que possam buscar seus sonhos. ”

Tabela 2 Relatos das entrevistadas em relação às mudanças após a maternidade

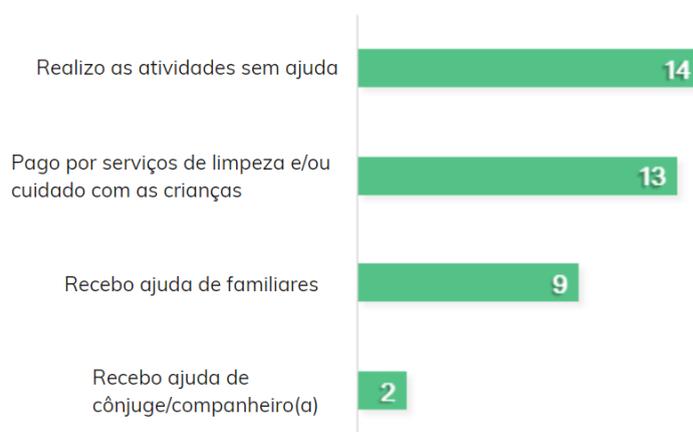
Entrevistadas	Frases
E13	“O tempo principalmente, tenho que conciliar trabalho, casa e filhos. Não é fácil...”
E26	“Tive que adaptar, utilizar melhor meu tempo. ”
E29	“O tempo corrido, a interrupção de projetos profissionais e pessoais”
E32	“A rotina mudou. Ainda mais que foi exatamente no período em que eu terminava o estudo superior, então tinha que me esforçar muito para conseguir ser mãe presente, estudante e professora dedicada! O recurso era aumentar as horas acordadas pela madrugada para fazer o que não dava durante o dia.”

Fonte: Elaboração própria (2021)

4.2 Auxílio nos afazeres domésticos

Em seguida, as entrevistadas foram perguntadas a respeito de auxílio nos afazeres domésticos e as respostas foram divididas, de acordo com o tipo de ajuda (ou ausência dela) que as mesmas recebiam, entre as que realizam as atividades sem nenhum tipo de auxílio, as que tem ajuda de familiares, as que possuem ajuda do cônjuge/companheiro e as que pagavam por serviços de limpeza ou de cuidado com as crianças.

Figura 9 Auxílio nos afazeres domésticos



Fonte: Elaboração própria (2021)

Cerca de 36% das entrevistadas afirmaram não receber nenhuma ajuda nas atividades domésticas, 8 delas afirmaram que se sentiriam totalmente sobrecarregadas e esgotadas sem a ajuda de terceiros enquanto as demais se sentem indiferente quanto a essa questão. Ao serem perguntadas como realizavam a conciliação das jornadas, surgiram respostas como da entrevistada E15 “Procuro não ser mais metódica ou exigente”, ou como a E20 “Distribuo o tempo de acordo com as horas disponíveis da escola”, a E19 “Faço tudo ao mesmo tempo, seja planejando as aulas com filho no colo, aguardo elas irem dormir para concluir os afazeres domésticos”. E até relatos como da entrevistada E37 “Primeiro a profissão, depois a família”.

Apenas 2 das respondentes indicaram cônjuge como uma referência no auxílio das atividades domésticas, representando 5,26% da amostra, mas ainda assim, importante ressaltar que ambas concordaram totalmente que, sem a ajuda deles, se sentiriam totalmente sobrecarregadas.

Das 13 respondentes que afirmaram pagar por serviços de limpeza ou de cuidado com as crianças, 12 delas investiam tempo em afazeres domésticos, sendo 7 em tempo superior a 3 horas diárias. Ainda sobre estas mulheres, todas elas concordam que se sentiriam totalmente sobrecarregadas e esgotadas sem a ajuda de terceiros.

Enquanto as que responderam receber ajuda de familiares representam 23% da amostra. Setenta e sete por cento dessas mulheres concorda que se sentiriam sobrecarregadas sem essa ajuda. Oitenta e oito por cento delas afirmou trabalhar formalmente mais de 5 horas diárias de sua casa, seja planejando aulas, elaborando atividades ou corrigindo provas. A porcentagem se manteve em relação a mulheres que relataram uma média superior a 3 diárias dedicadas a realização de afazeres domésticos.

Estes dados demonstram que as mulheres apesar de terem e/ou receberem ajuda, seja de um familiar ou de um contratado, ainda são vistas como as principais responsáveis pela organização da casa e educação dos filhos, exposto pelo fato que até mesmo as mulheres que pagavam pela ajuda, 92,30% ainda auxiliavam em casa e releva o quanto estas ajudas são necessárias quanto a percepção de sobrecarga da mulher.

Independente da categoria, houveram até mesmo respostas avaliando a experiência de tentar conciliar todas as jornadas com a nova realidade diante da

pandemia: “Em tempos de pandemia, tudo junto. ” (E12) e também

Essa conciliação está sendo feita sem nenhuma organização ou separação de horários. Entre um atendimento e outro faço almoço, arrumo casa, limpo, lavo, recolho, dobro, passo, ufa, uma doideira, além dos planejamentos de aulas, atividades complementares, provas, anexos, correções de atividades, relatórios e planilhas e claro que ainda cumpro meu horário de aula entrando e saindo de grupos de Whatsapp e Classroom de 50 em 50 min. Não tenho telefone ou número exclusivo para o trabalho, sendo assim, não posso simplesmente desligar meu aparelho fora do meu horário de trabalho, o que acaba levando pais, alunos e outros a acharem que estou 24 horas disponível. Afinal de contas, durante a pandemia mantenho contato com meus amigos e familiares através do meu número que é utilizado para trabalho também. (E22)

Sendo assim, observa-se a exposição dessas professoras a condições improvisadas e rotinas ainda mais longas e extenuantes, conforme SOUZA et al. (2021, p. 5)

Há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores. Na prática, a intensificação do trabalho constitui-se em uma forma de gestão e organização do trabalho, que impõe metas e extensão da jornada de trabalho.

Das 24 respondentes que afirmaram ter ajuda nos serviços domésticos, 22 delas acreditam que se sentiriam totalmente sobrecarregadas e esgotadas sem a ajuda. Algumas dessas mulheres declararam ainda utilizar fins de semana e/ou feriados e até mesmo a madrugada para conciliar todas as demandas, como “Tento me dedicar, mas acho que os filhos sempre saem no prejuízo. ” (E7) ou

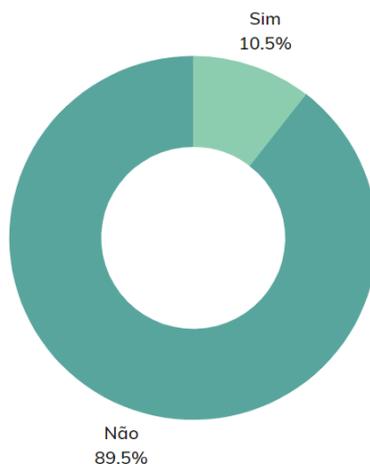
Como já mencionei anteriormente, foi um período muito difícil, o recurso foi aumentar as horas de trabalho na madrugada, a noite colocava as crianças para dormir e aproveitava o silêncio para estudar, olhar os deveres das crianças, preparar aula e outras atividades que exigiam mais dedicação e contava também com o apoio do meu esposo que trabalhava em casa! (E32)

Algumas das respondentes ainda alegaram dificuldades de adaptação devido ao nosso método de ensino à distância em função da pandemia: E26 “Trabalho de manhã, meus filhos estudam de manhã, sinceramente os últimos meses tem sido difíceis. ”, E18 “Ainda não consegui essa conciliação pois trabalho online demanda mais tempo”, E6 “Não estou sabendo conciliar, dedico maioria do tempo para o trabalho. Paro apenas para preparar as refeições. ”

4.3 Afastamentos

Em relação ao número de afastamentos, as respondentes foram divididas em dois grupos pelo critério de ocorrência, sendo mulheres que haviam sido afastadas por doenças ocupacionais e as mulheres que não passaram por afastamentos.

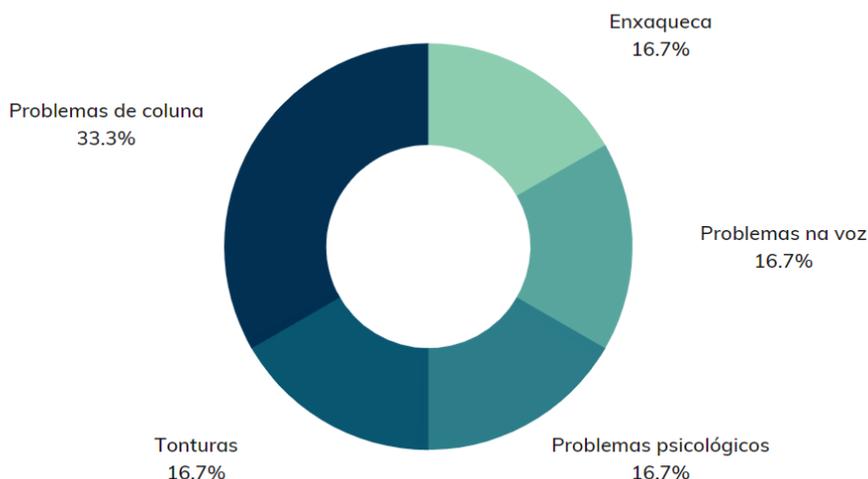
Figura 10 Índice de Afastamentos



Fonte: Elaboração própria (2021)

Das respondentes, 10,5% já foram afastadas de seus trabalhos. As causas foram problemas na voz, psicológicos, enxaquecas e tonturas e todas elas acreditam que um dos fatores a desencadear doença ocupacional foi a sobrecarga de trabalho.

Figura 11 Causas de afastamento



Fonte: Elaboração própria (2021)

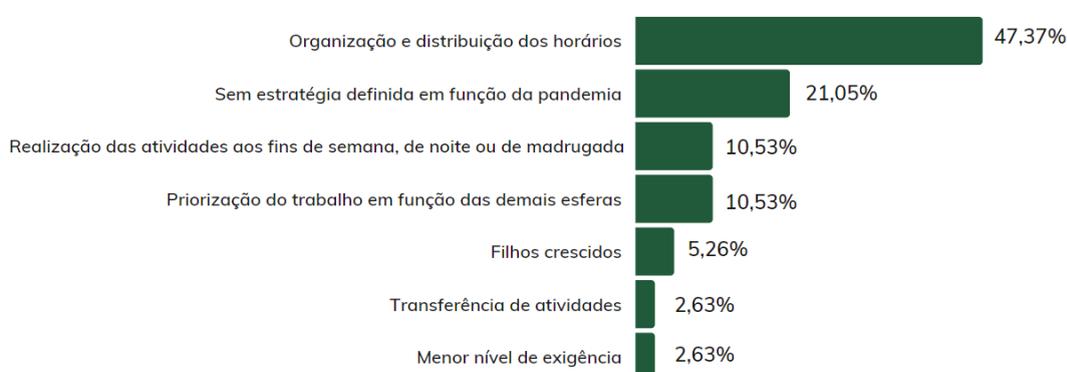
Em resumo, 4 das respondentes foram afastadas de suas funções e todas elas associaram as ocorrências à sobrecarga. Porém, embora o número de afastamentos não seja tão representativo, as pressões podem gerar repercussões na vida das docentes

conforme Mariano e Muniz (2006, p. 86) “apontam para uma repercussão negativa sobre a saúde, o que não significa necessariamente em adoecer, mas principalmente à vivência do sofrimento no cotidiano de trabalho.”

4.4 Estratégias de conciliação

Quanto às estratégias de conciliação, as mulheres foram divididas em sete grupos, sendo transferência das atividades, menor nível de exigência, realização das atividades aos fins de semana, de noite ou de madrugada, organização e distribuição dos horários, sem estratégia definida em função da pandemia, filhos crescidos e priorização do trabalho em função das demais esferas.

Figura 12 Estratégias de conciliação entre as jornadas



Fonte: Elaboração própria (2021)

Os números acima chamam a atenção, especialmente para a categoria sem estratégia definida, mostrando a dificuldade de adaptação dos professores submetidos ao home office em função da pandemia. Observa-se, conforme Moraes, Souza e Santos (2018), em relação ao tempo exacerbado dedicado ao trabalho e a falta de uma estratégia definida para realização da conciliação, revela-se um distanciamento dos relacionamentos em função da falta de um limite estabelecido, propiciando o adoecimento em detrimento da situação de exploração e evidenciando o quanto a pandemia alterou as relações de trabalho, assim como, a rotina em si e então, dificultando a adaptação das professoras a este novo cenário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da rotina de trabalho das docentes e as estratégias utilizadas pelas mesmas para conciliar maternidade, trabalho formal e a realização dos afazeres domésticos, foi possível verificar comportamentos e dores destas mulheres, concluindo os objetivos propostos para este trabalho.

O assunto tratado no estudo faz-se de grande importância à luz da psicologia organizacional. Um(a) engenheiro(a) deve estar sensível à organização do trabalho de forma que contemple as diferenças existentes nos quadros de pessoas, uma vez que a gestão de recursos humanos também fará parte da sua rotina. Além disso, conforme Andrade et al. (2017), considerando o intuito das empresas com foco em melhoria contínua, no que diz respeito às pessoas, as organizações devem investir e desenvolver seus colaboradores, visando motivá-los a atingir os objetivos, por isso, um engenheiro de produção deve entender a subjetividade intrínseca à necessidade das diferentes pessoas de uma equipe e assim, garantindo bons resultados.

Os resultados obtidos abrem discussões para novas indagações que possam avaliar mais adequadamente os aspectos relacionados à questão da sobrecarga no trabalho docente. Dessa forma, pode-se concluir que ainda que os pontos avaliados apontem para a existência de sobrecarga em função da dupla (ou até tripla) jornada de trabalho e as possíveis repercussões sobre a saúde das docentes, muitas contribuições e investigações futuras ainda podem ser realizadas a fim de auxiliar e melhorar a dinâmica de trabalho destas mulheres.

Para resultados mais aprofundados, recomenda-se a utilização do método do questionário semiestruturado pelo fato de conferir liberdade e abertura para se aprofundar num determinado assunto e reforçar a empatia em relação a assuntos mais delicados, entendendo se a entrevistada se sente à vontade para detalhar sobre determinado assunto ou não. Faz-se muito importante, uma vez que o *Google Forms* pode não ser tão eficaz por não ter esta sensibilidade para abordar determinado assunto conforme o andamento da entrevista, dependendo muito mais da própria respondente.

E, ainda, abordar em futuros estudos outros aspectos como a disponibilização de recursos e materiais didáticos, comportamento dos alunos, reconhecimento por parte dos alunos e a desvalorização do magistério, uma vez que os mesmos

podem auxiliar na identificação de fatores que podem gerar adoecimentos.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FINAL DIRECIONADO ÀS DOCENTES

Questionário

Esse questionário foi elaborado para conhecer melhor a rotina de docentes e entender as estratégias utilizadas para conciliar maternidade, trabalho formal e a realização dos afazeres domésticos.

Me chamo Mariana, sou graduanda em Engenharia de Produção pela UFOP e o intuito desta pesquisa refere-se a conclusão de curso através do trabalho de conclusão de curso. As informações fornecidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, sem prejuízo pessoal e financeiro para ambas as partes.

Desde já, agradeço a contribuição e ressalto que os resultados serão restituídos ao final da pesquisa.

*Obrigatório

1. E-mail *

Informações Pessoais

2. Seu nome: *

3. Sua idade: *

4. Seu estado civil: *

Marcar apenas uma oval.

Solteira

Casada

Divorciada

Viúva

Outro: _____

5. Sua formação: *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino médio completo sem magistério
- Ensino médio completo com magistério
- Ensino superior completo
- Ensino superior incompleto
- Outro: _____

6. Quantos anos de carreira você possui? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 - 5 anos
- 6 - 10 anos
- 11 - 15 anos
- Mais de 15 anos
- Outro: _____

7. Em que cidade(s) atua/trabalha atualmente? *

8. Onde lecionou? *

Marque todas que se aplicam.

- Escola pública
- Escola particular

Outro: _____

9. Para quais turmas você lecionou? *

Marque todas que se aplicam.

- Educação Infantil
- Pré-escola
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior

Outro: _____

10. Possui filhos? *

Marcar apenas uma oval.

- Não *Pular para a pergunta 13*
- Sim *Pular para a pergunta 11*

Informações sobre os filhos

11. Quantos e qual a idade do(s) seu(s) filho(s)? *

12. O que mudou depois do nascimento do(s) filho(s) em relação ao seu trabalho? *

Questões a respeito da rotina

13. Qual é a média de horas diárias que você investe no seu trabalho formal (seja planejando aulas, corrigindo provas, etc) em casa? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 - 2 horas
- 3 - 5 horas
- Mais de 5 horas
- Não invisto tempo no meu trabalho formal em casa

14. Qual é a média de horas diárias que você investe em afazeres domésticos? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 - 2 horas
- 3 - 5 horas
- Mais de 5 horas
- Não invisto tempo em atividades domésticas

15. Você possui ajuda de outras pessoas nos afazeres domésticos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, pago serviços de limpeza ou de cuidado com crianças;
Pular para a pergunta 16
- Sim, do(a) meu/minha companheiro(a); *Pular para a pergunta 16*
- Sim, de familiares; *Pular para a pergunta 16*
- Não, realizo as atividades sozinha; *Pular para a pergunta 20*
- Outro: _____

Informações sobre percepções da sua rotina

16. Qual é a frequência dessa ajuda? *

Marcar apenas uma oval.

- Esporadicamente, não há frequência determinada;
- 1 a 2x na semana;
- 3 a 5x na semana;
- Outro: _____

17. Você se sentiria totalmente sobrecarregada e esgotada sem a ajuda de outras pessoas nas atividades domésticas? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

18. Como você faz a conciliação entre suas jornadas (seja criação dos filhos, trabalho e atividades domésticas)? *

19. Você já foi afastada das suas atividades por alguma doença ocupacional? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 23*
- Não

Informações sobre percepções da sua rotina

20. Você se sente totalmente sobrecarregada e esgotada sem a ajuda de outras pessoas nas atividades domésticas? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Discordo totalmente Concordo totalmente

21. Como você faz a conciliação entre suas jornadas (seja criação dos filhos, trabalho e atividades domésticas)? *

22. Você já foi afastada das suas atividades por alguma doença ocupacional? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 23*
 Não

Informações sobre doenças ocupacionais

23. Qual doença? *

24. Durante quanto tempo você ficou afastada do seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 - 6 meses
- 7 - 12 meses
- Maior que 1 ano

25. Você acredita que um dos fatores a desencadear doença ocupacional foi a sobrecarga de trabalho (seja ele formal ou informal)? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Marcia; LOPES, Alyne. Reprodução e Produção Reflexiva: Números de um Brasil menos fecundo. **Revista Aquila**, v. 10, p. 55-67, 2014.

ALVARENGA, Carolina Faria. **Relações de gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 271-289, 2013.

ANDRADE, Cristiano de Jesus; PRAUN, Luci; AVOGLIA, Hilda Rosa Capelão. Estratégias defensivas utilizadas frente à conciliação maternidade e trabalho: um olhar para as profissionais da educação/Defensive strategies used in the face of work and motherhood reconciliation: a look at education professionals. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 35436-35452, 2020.

ANDRADE, Fernando. MOURA, Lucélia. MORAES, Rafael dos Santos. BORGES, Ronaldo Araújo. QUINTINO, Luis Fernando. BOTELHO, Wagner Costa. A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO NA GESTÃO DE PESSOAS: O USO DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL EM BENEFÍCIO ECONÔMICO-SOCIAL. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVII, Nº. 000116, 23/11/2017. Disponível em: <<https://semanaacademica.com.br/artigo/engenharia-de-producao-na-gestao-de-pessoas-o-uso-da-psicologia-organizacional-em-beneficio>> Acesso em: 12 de jul. 2021.

ARAÚJO, Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; MASSON, Maria Lucia Vaz. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. A Profissão. Rio de Janeiro - RJ, 2018. Disponível em: <<http://portal.abepro.org.br/a-profissao/>>. Acesso em: 22 de nov. 2020.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. 2014.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, n. 38-39, p. 206-217, 2012.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 47, 2019.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Elsevier Brasil, 2008.

COELHO, Andréia de Oliveira. **Mulheres gestoras e mães sozinhas: desafios e estratégias na conciliação entre carreira e maternidade**. 2019. Tese de Doutorado.

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). **Pesquisa sobre saúde e condições de trabalho dos (as) profissionais da educação básica pública**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/images/stories/2018/relatorio_pesquisa_saude_completo.pdf>. Acesso em: 22 de nov. 2020.

CRUZ, Roberto Moraes; LEMOS, Jadir Camargo. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivivência**, n. 24, p. 59-80, 2005.

CNTE na mídia. **Dobra o número de professores com transtornos mentais no Brasil**. Brasília, 22 setembro 2017. Disponível em: <<https://cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/cnte-na-midia/65471-dobra-o-numero-de-professores-com-transtornos-mentais-no-brasil>>. Acesso em: 22 de nov. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População no último censo Censo Demográfico 2010

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. **Docentes no ensino fundamental**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. **Docentes no ensino médio**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Leticia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 2, 2019.

FERNANDES, Mônica Aparecida. A inserção da mulher no mercado de trabalho: um estudo sob a perspectiva da psicologia. **Gestão e conhecimento**. 2013.

FERNANDES, Mônica Pereira et al. Trabalho feminino e diminuição da taxa de fecundidade no Brasil nos últimos 50 anos. **Saúde Coletiva**, v. 8, n. 49, p. 71-76, 2011.

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, n. 42, 2013.

FRANÇA, Ana Leticia de; SCHIMANSKI, Édina. Mulher, trabalho e família: Uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. **Emancipação**, v. 9, n. 1, p. 65-78, 2009.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Mulheres, trabalho e família. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GOMES, Luciana; BRITO, Jussara. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 49-62, 2006.

GUIMARÃES, Maria da Gloria Vitória; PETEAN, Eucia Beatriz Lopes. Carreira e família: Divisão de tarefas domiciliares na vida de professoras universitárias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 1, p. 103-110, 2012.

HIRATA, Helena. Globalização, trabalho e gênero. **Revista de Políticas Públicas**, v. 9, n. 1, p. 111-128, 2015.

HIRATA, Helena. Por quem os sinos dobram? Globalização e divisão sexual do trabalho. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher–Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.**

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018. Censo escolar - sinopse – 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em 07 mar. 2021.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2018. v. 2, 2018.

IBGE. Projeção da População do Brasil – 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. Número de estabelecimentos de ensino fundamental: Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. Número de estabelecimentos de ensino médio: Brasília: Inep, 2019. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

JUNIOR, Eloy Pereira Lemos; TIAGO, Leandra Chaves. A dominação masculina e a divisão sexual do trabalho: perpetuação da violência simbólica em face da mulher brasileira nos espaços públicos. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade-REDES**, v. 6, n. 2, p. 87-106, 2018.

KON, Anita. Assimetrias entre gêneros no mercado de trabalho brasileiro: crise e políticas públicas. **Revista Ciências do Trabalho**, v. 1, n. 1, p. 113-140, 2013.

LADEIRA, Kátia de Freitas. Dupla jornada da mulher e qualidade de vida: A influência do nível socioeconômico nas estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar. 2000.

LELIS, Isabel. O trabalho docente na escola de massa: desafios e perspectivas. **Sociologias**, v. 14, n. 29, p. 152-174, 2012.

LIMA, Maria Galvão Rios. **Um estudo sobre o adiamento da maternidade em mulheres contemporâneas**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARIANO, Maria do Socorro Sales; MUNIZ, Hélder Pordeus. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 76-88, 2006.

MARTINS, Eduarda Alfaro Mena Barreto; COSTA, Bárbara Moura Ruoso. A importância das lutas feministas diante da busca pela igualdade de gênero. *In: 9ª JORNADA DE PESQUISA E 8ª JORNADA EM EXTENSÃO DO CURSO DE DIREITO*, 2016.

MATOS, Izabella Barison; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti; OLIVEIRA, Maria Conceição de. Profissões e ocupações de saúde e o processo de feminização: tendências e implicações. **Athenea digital: revista de pensamento y investigación social**. Barcelona. Vol. 13, n. 2 (jul. 2013), p. 239-244, 2013.

MIRANDA-RIBEIRO, Adriana, GARCIA, Ricardo Alexandrino e FARIA, Tereza Cristina de Azevedo Bernardes. Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População** [online]. v. 36, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0080>>. Acesso em 29 jun. 21.

MORAIS, Luiz A.; SOUZA, Kátia R.; SANTOS, Gideon B. Intensificação e Precarização social do trabalho de professores de escola pública: um estudo exploratório na região da Baixada Fluminense (RJ). **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 29, 2018.

MOREIRA, L.; GUIMARÃES, L. de V. M.; QUIRINO, R. A relevância da categoria gênero e das relações sociais de sexo nas discussões sobre a organização e divisão do trabalho. **Trabalho & Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 155–169, 2020. DOI: 10.17648/2238-037X-trabedu-v29n1-12168. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/12168>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MULLER, Crisna Maria; BESING, Marcia. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL: DA SUBMISSÃO À CIDADANIA. **Revista Augustus**, v. 23, n. 45, p. 25-46, 2018.

OLIVEIRA, Dalila. A. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**, especial 1, p.17-35, 2010.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, v. 2, n. 3, p. 01-10, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS Perspectivas sociales y del empleo en el mundo: Avance global sobre las tendencias del empleo femenino. 2018. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_619603.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, p. 1-10, 2010.

PEREIRA, André Marcelo Lima; LIMA, Leonice Domingos dos Santos Cintra. A Desvalorização da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista Eletrônica Organizações e Sociedade**, v. 6, n. 5, p. 133-148, 2017.

PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. **Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. São Luís Maranhão**, 2005.

PICCHIO, Antonella. TRABALHO FEMININO NO CERNE DO MERCADO DE TRABALHO. **ECONOMIA FEMINISTA**, p. 69, 2018.

PRIORE, Mary Del. **Histórias e Conversas de Mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013,312p.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Instituto Catarinense de Pós-Graduação** v.1, n.1, p.1-8, 2013.

QUIRINO, Raquel. Trabalho da mulher no Brasil nos últimos 40 anos. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 8, n. 15, p. 90-102, 2012.

RIBEIRO, Djamila. Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. **Sapere Aude**, v. 4, n. 7, p. 506-509, 2013.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais*. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SANTIAGO, Micaela de A.; PIMENTEL, Mariana Ramos. **A mulher na educação brasileira: do direito prescrito ao conquistado**. 2014.

SANTOS, Bruna Martins dos; ALVES, Josilene Santos. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho: Comparação entre Ontem e Hoje. **FABE em Revista**, Bertioga, v.8, p. 1-12, 2016.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, p. 137-150, 2001.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Vozes dos Vales**, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2012.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris – RTJ**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; SAMPARO, Ana Julia Fernandes. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, 2017.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos avançados**, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016.

SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**. 2021, v. 19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>>. Acesso em 29 jun. 2021.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

STANCKI, Nanci. Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução. Paper apresentado no **I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia**, 2003.

Strauss, A., & Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology: An overview. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), **Handbook of qualitative research** (pp. 273–285). Sage Publications, Inc.

VALLE, Gabriela Kneipp Guimarães do. **Doenças ocupacionais em professores de escola de ensino infantil e de estimulação precoce no Distrito Federal**, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade de Brasília.

VANALLI, Ana Carolina Gravena; BARHAM, Elizabeth Joan. Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 130-138, 2012.

VIEIRA, Danielle Arantes et al. A PROFISSIONALIZAÇÃO E O AUMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

BRASILEIRO. **Fórum de Administração**, v. 2, n. 1, 2013.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. 2013.

ZIBETTI, Marli L. T.; PEREIRA, Sidnéia R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial, p. 259-276, 2010.



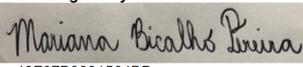
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas - ICEA
Colegiado do Curso de Engenharia de Produção - COEP
Campus João Monlevade



TERMO DE RESPONSABILIDADE

O texto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A conciliação do trabalho docente com a maternidade: um estudo em escolas no interior de Minas Gerais” é de minha inteira responsabilidade. Declaro que não há utilização indevida de texto, material fotográfico ou qualquer outro material pertencente a terceiros sem o devido referenciamento ou consentimento dos referidos autores.

João Monlevade, 27 de agosto de 2021.

DocuSigned by:

49F07B9831564BD...

Mariana Bicalho Pereira